

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

16.º Anno

21 DE NOVEMBRO DE 1893

XVI Volume — N.º 537

A GUERRA HISPANO-MARROQUINA



D. PRAXEDES MATHEUS SAGASTA — PRESIDENTE DO GOVERNO HESPAÑOL

(Cópia de uma photographia de Debas)



CHRONICA OCCIDENTAL

Ainda bem que, por um caso de força maior, esta chronica d'hoje teve que ser escripta umas horas mais tarde d'aquellas a que de ordinario costume escrever as minhas chronicas para o Occidente:

Em vez de a escrever no dia 20 de manhã, como costume, estou a escrevendo no dia 20 a noite e esse pequeno adiantamento, a que negocio inadivels me forçaram, permite-me o poder começal-a dando conta aos meus leitores d'um grande exito theatral, d'um dos maiores successos que o theatro hespanhol contemporaneo tem alcançado em theatros de Lisboa, da primeira representação do *Duetto da Africana*, no theatro da Trindade.

Chego agora mesmo de assistir a essa primeira representação e escrevo ainda sob o encanto da deliciosa musica que o maestro Caballero escreveu para o engraçado libretto de Miguel Echegaray d'essa musica tão hespanhola pela inspiração, tão elegantemente artistica pelos primorosos trabalhos orchestraes, que valeu ao *Duetto da Africana* o seu enorme exito em toda a Hespanha, onde só em Madrid conta centenas de representações, e se conserva ainda em scena com grande applauso e grande concorrência, sendo representada sempre duas vezes por noite no mesmo theatro, mercê da organização especial dos espectaculos, nos theatros de Madrid, — organização que já ha muitos annos Francisco Palha tentou no theatro da Trindade sem dar resultado algum, mas que em Madrid se enraizou fortemente, com grande prejuizo da litteratura dramatica, que se vê forçada a accommodar-se em exiguas formulas, a fazer as suas peças quasi que em estylo telegraphico, para metter todos os assumptos dentro d'um acto porque a não ser em um ou dois theatros quasi classicos, o theatro hespanhol e o da Zarzuela, o publico não tolera peças com intervallos.

E d'este feito actual a que os emprezarios de Madrid acostumaram o publico, ou que a vida nocturna dos cafés, especial e caracteristica do publico de Madrid, impoz aos emprezarios, nasceu a formula actual do theatro hespanhol, formula que prejudica evidentemente o theatro estrangeiro em Hespanha e o theatro hespanhol no estrangeiro.

D'antes, ha vinte ou trinta annos, quando os theatros de Hespanha davam apenas um unico espectáculo por noite, como se dá em Lisboa, em Paris, na Belgica, na Alemanha, em Italia, em toda a Europa em summa, os auctores hespanhoes quando iam buscar ao theatro estrangeiro as suas peças, traduziam-nas textualmente, e ás vezes, quando encontravam uma peça boa mas que era pequena, augmentavam-a, ampleavam-na como por exemplo fez Eusebio Blasco ao *Caprice* de Musset, que d'um acto transformou em tres actos com o titulo de *El Panuelo Blanco*, o *Lenço Branco*, que Rangel de Lima traduziu para o Gymnasio antigo e que teve tão grande exito em Lisboa representado primeiro pela Anna Cardoso, e depois pela Lucinda Simões.

Algumas d'essas ampliações agradavam muito, agradavam mais que as peças que lhes tinham servido de base, e deu se isso com o *Lenço Branco*, que fez grande successo e teve numerosas representações em Lisboa, no Gymnasio, ao passo que o *Caprice*, cahia n'um acto só, no theatro de D. Maria, apesar da linguagem encantadora de Musset e da sua incomparavel superioridade sobre o *argyle* hespanhol.

Agora que as empresas de Madrid dão nos seus theatros quatro e cinco espectaculos por noite, espectaculos compostos d'um acto só, e para cada qual se vendem os seus bilhetes separados, — organização que não se comprehende em Lisboa, onde quem vai ao theatro vai para passar a noite toda, mas que se percebe perfeitamente em Madrid, onde toda a gente vive de noite nas ruas e nos cafés e não dá ao theatro senão uns quartos d'hora da sua noite, como entre nós acontece nos theatros das feiras, que por isso mesmo organisam do mesmo modo os seus espectaculos com quatro ou cinco funcções diferentes na mesma noite — os auctores dramaticos hespanhoes fazem precisamente o contrario que d'antes faziam; quando vão ao repertorio estrangeiro buscar peças, em vez de amplial-as, encurtam-nas, como fizeram por exemplo ao *Cocard e Bicoquet* aos *Tres chapeus* que de tres actos reduziram a um, a *Nitouché*, aos *28 dias de Clarinha* que de quatro actos reduziram a dois; e quando fazem peças originaes tratam sempre de fazel as n'um acto, e se o assumpto não pode

cabem n'um acto só, recorrem aos quadros, mas com mutação a vista, sem intervallo, para não permittir ao publico que saia, e permittir á empreza que dê mais tres ou quatro peças diferentes na mesma noite como por exemplo, a *Gran via*, *De Madrid a Paris*, *El anno pasado por agua*, *El certamen nacional*, *Oro, cobre, plata y nada*, *El Diluvio Universal*, *Los inutiles*, *Los aparecidos*, e *El Duo del Africana*.

Se para nós o *Duetto da Africana* tem algum defeito é unicamente esse, o da sua coupe muito boa para os theatros de Madrid, mas muito má para os theatros de Lisboa.

Cada terra com o seu uso cada roca com o seu fuso, diz o proverbio e é perfeitamente verdadeiro.

Em Madrid, a não ser em dois ou tres theatros, o publico não tolera senão os espectaculos devidos em actos soltos, em Lisboa dá-se perfeitamente o contrario: em theatro algum, nem de drama, nem de comedia, nem d'opera comica, um espectáculo composto de actos soltos faz fortuna a não ser muito excepcionalmente.

Estamos certos que essa excepção se dará com o *Duetto da Africana* na Trindade, como já ha annos ali se deu com *As almas d' outro mundo*, mas, apesar d'isso se a magnifica zarzuela de Caballero tivesse tres actos em vez de ter tres quadros, por mais longa que seja assim a sua vida em theatros portuguezes, tel-a ia ainda muito maior.

E a peça tinha no seu entreocho graciosissimo assumpto para tres actos bem á vontade.

A acção, esboçada n'esses tres rapidos quadros, que não levam uma hora a representar, dava pano para mangas, como vulgarmente se diz e seria facilimo, com aquelle tenor que foge á mãe por causa da prima donna, mulher do emprezario, com aquella mãe que procura o filho, com aquelle marido que se vê entalado entre o ciúme da esposa e os interesses do emprezario, que tem um tenor gratuito que lhe dá longas receitas, com a filha do emprezario que ama o tenor e o disputa ao amor da madrastra, com o baixo profundo que tem amor profundo tambem, pelo contrato que o odeia, arranjar tres bons actos interessantes, cheios de enredo, de episodios e de situações comicas.

Se o *Duetto da Africana* tivesse sido escripto aqui ha trinta annos, como o *Barberillo*, a *Marina*, o *Amar sem conhecer*, o *Segredo d'uma dama* o *Campanone* com certeza que o auctor lhe teria feito esses tres actos, com que as empresas de Lisboa teriam tudo a ganhar porque teriam uma peça de espectáculo completo, sem ter que andar á procura de retalhos para o completar.

Apesar d'isso porém o *Duetto da Africana* vai dar com certeza rios de dinheiro á empresa da Trindade: não é preciso ser Borda d'Agua em assumptos theatraes para o vaticinar, basta ter visto o acolhimento entusiastico que o publico da Trindade lhe acaba de fazer na sua apresentação.

O theatro estava litteralmente cheio: *une belle chambrée* como dizem os francezes, tudo o que ha de mais brilhante na sociedade de Lisboa, El Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia, fidalgos, banqueiros, escriptores, auctores dramaticos, actores, actrices, artistas, jornalistas, a quinta essencia do publico das *premieres*, que ia ali attrahido não só pela novidade e pela fama da peça; mas principalmente pelo prazer de saudar na sua reaparição nos palcos de Lisboa, depois de longos mezes d'ausencia, uma das actrices mais queridas do publico de Lisboa, a actriz Pepa que no seu genero, na operetta, é uma das primeiras das mais illustres, pela sua gentileza, pela sua *verve*, pela sua elegancia, pela sua alegria.

Apenas Pepa entrou em scena o publico victoriou a ruidosamente com o prazer com que se saudá, depois de larga ausencia, um bom e querido companheiro: essas palmas, esses bravos, representavam a ractificação dos antigos applausos dados á festejada actriz; os que durante a representação do *Duetto da Africana* lhe foram tributados e as chamadas innumeradas que no fim da peça lhe foram feitas, representavam o applauso justissimo do excellente trabalho por Pepa apresentado, na execução da prima-dona de Echegaray e Caballero.

E d'esses applausos e d'essas chamadas compartilharam tambem e com justiça, todos os artistas que entraram na peça e lhe deram um ensemble magnifico desde o primeiro ao ultimo.

Queiroz um excellente actor dos mais queridos do nosso publico, encontrou no papel do Emprezario uma das suas melhores e mais engraçadas creações: foi magnifico de principio a fim: Portugal fez o tenor com um esplendido bom humor, representou e cantou muito bem: Augusta Cordeiro, uma das actrices novas de mais talento e de mais brilhantes aptidões que tem apparecido ultimamente nos nossos theatros,

fez com notavel distincção e elegancia o seu pequeno papel de italiana, Amelia Barros, engraçadissima na mãe do tenor, Augusto fez rir a bom rir n'um papel que tem meia duzia de palavras, e Gomes foi um esplendido ensaiador d'opera lyrica.

O *Duetto da Africana*, esplendidamente traduzido pelo nosso querido collega João Soiler, e muito bem ensaiado por Augusto Garraio, teve uma execução musical excellente, devendo notar-se os coros que são lindissimos e que foram magnificamente cantados.

Toda a musica da zarzuela é um encanto e a maneira como foi executada pelos artistas, coros e orchestra faz honra a Freitas Gazul. Eduardo Machado, o illustre scenographo, teve tambem muitos applausos e chamadas pela vista do terceiro quadro, o interior d'uma sala d'espectaculo em noite de recita, excellentemente pintada e de graude effeito.

Resumindo, o *Duetto da Africana* foi um successo em toda a linha, e um successo para Miguel Echegaray e Caballero, os dois laureados auctores hespanhoes a quem felicitamos sinceramente pelo seu grande e legitimo triumpho.

E no fim de contas vejo agora que em vez de fazer uma chronica fiz apenas um artigo de *Primeiras representações*.

Não o lamento porque o successo do *Duetto da Africana*, foi o assumpto mais brilhante da semana, e porque como obscuro escriptor portuguez tenho verdadeiro jubilo em dedicar toda a minha chronica ao successo alcançado nos theatros de Lisboa, por um dos mais ruidosos successos do nosso visinho reino, por dois dos nossos mais brilhantes confrades da Hespanha.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

A GUERRA HISPANO-MARROQUINA

Tem-se conservado estacionario o estado da guerra hispano marroquina, como que n'um periodo de incubação, depois dos ultimos successos que referimos em o n.º 535 d'este periodico.

A Hespanha tem enviado consideraveis forças para as suas praças de Melilla, Ceuta, etc., contando já ali uns 13 000 soldados, e todos os dias vão chegando a Marrocos novos regimentos, que os transportes de guerra vão conduzindo.

Os mouros, por sua parte, tambem parece estarem concentrando forças e reunindo munições de guerra, que já lhes faltavam, preparando-se assim para a resistencia ou mesmo para o ataque.

No entanto o Sultão de Marrocos, negoceia, pelas vias diplomaticas, a paz com a Hespanha, declarando que não quer guerra com esta nação e que vai empregar toda a sua auctoridade para reprimir as kabilas.

N'este sentido enviou uma proclamação áquellas indomitias tribus, ordenando terminantemente que cessem todas as suas hostilidades contra os hespanhoes e que as amaldiçoas se assim não praticarem, maldição que tem toda a importancia para o seu povo, que o julga descendente do Propheta.

Vê se n'isto um excesso de boncade do Sultão, que effectivamente é de indole pacifica e boa, e ao mesmo tempo revela se a fraqueza dos recursos militares com que elle conta para dominar as kabilas.

A Hespanha tem desenvolvido grande actividade na organização das forças militares que está enviando para Marrocos, e n'isto o governo tem obedecido á opinião publica, extremamente exaltada com o primeiro desastre que os hespanhoes soffreram em Melilla.

E' bem custoso á Hespanha n'este momento o achar-se envolvida em uma guerra com que não contava, e que mais vem affectar as suas finanças já bastante dificeis.

Mas, não obstante o sr. Sagasta, actual presidente do governo hespanhol, inclinar-se a uma politica toda de paz e conciliação, viu se pelos caprichos da sorte a ter que fazer uma guerra que não estava nos seus planos governativos, chamando sobre si, n'este momento todas as atenções da Europa.

O actual presidente do conselho do governo hespanhol, o sr. D. Praxedes Metheus Sagasta, de que publicamos o retrato, desde dezembro do anno passado que occupa aquelle logar, chamado ao poder em nome das economias de que a administração publica de Hespanha precisa para o equilibrio das suas finanças.

O sr. Sagasta tem sido dos politicos mais populares do seu paiz, e foi por isso que o povo reclamou a sua subida ao poder, na occasião critica que a Hespanha atravessa.

Desde as côrtes constituintes de 1855 até á revolução de 1868, o sr. Sagasta foi sempre um dos mais notaveis tribunos do historico partido progressista de Hespanha.

Luctando com energia e constancia, quer nas minorias parlamentares do Congresso, quer na imprensa ao lado de Calvo Asensio, Fernandez de los Rios, Carlos Rubio e outros escriptores notaveis do seu partido, a revolução de 1868 levou-o a ministro da governação sob a presidencia do Duque de la Torre.

A escolha do principe Amadeu, de Italia, para rei de Hespanha, devediu a politica hespanhola em dois partidos distinctos e o sr. Sagasta encontrou-se chefe do partido constitucional voltando ao poder em 1871, no ministerio de conciliação formado pelo duque de La Torre, e elevado a presidente do Conselho em dezembro d'aquelle mesmo anno.

Pela quarta vez foi chamado aos conselhos da corôa a 4 de janeiro de 1874, sendo presidente do gabinete o general Serrano, governo que durou até maio d'aquelle anno. Veiu então o ministerio presidido pelo general Zabala, marquez de Sierra Bullones, em que o sr. Sagasta accupou a pasta da governação.

Em 1881, governando já a Hespanha o rei D. Affonso XII, succedeu a Canovas del Castillo, na presidencia do gabinete, e acompanhou o monarcha hespanhol na sua visita a Lisboa, onde esteve em 1882.

Poucos dias depois da morte prematura de D. Affonso XII, formou o primeiro ministerio da actual regencia, em dezembro de 1885.

O Sultão de Marrocos Muley Hamed, succedeu a seu pae Abderahman, em 1859, e se n'esta successão não houveram conflictos, para isso influuiu bastante Portugal.

A successão do sultanato em Marrocos é sempre motivo de grandes perturbações, pela razão de serem muitos os pretendentes.

Uma das mercês que o sultão concede aos grandes do seu paiz, como prova da sua imperial estima, é desposar por algum tempo as filhas d'elles, e assim elle manda vir para o seu palacio a filha d'um ou outro homem da sua côrte, vivendo com ella algum tempo até que lhe dê um successor.

Obtido isto, a mãe retira-se com o pequenino principe para casa da sua familia, e desde aquella occasião fica havendo mais um successor ao sultanato de Marrocos.

E' facil, pois, comprehender as luctas que se travam quando morre o Sultão, para se proclamar o seu successor, pois são muitos os que se julgam com direito ao throno, vencendo na lucta aquelle que dispõe de maiores influencias.

Era isto que ia succedendo em 1859 quando morreu o sultão Abderahman, se Portugal não enviasse a Tanger uma esquadriha para proteger os portuguezes que ali estavam.

A frente d'es a esquadriha foi El-Rei D. Luiz, então infante, a bordo da «Bartholomeu Dias», navio almirante.

A presença da esquadriha portugueza nas aguas de Tanger foi o sufficiente para se acalmarem todas as perturbações de Marrocos. Tal é o prestigio que os portuguezes conservam ainda n'aquelle paiz, onde dominaram e deixaram boa memoria de si.

O sultão de Marrocos tem no seu imperio cerca de nove milhões de subditos, parte dos quaes não domina por completo, porque lhe faltam as forças militares sufficientes para isso, accrescendo ainda a grande vastidão dos seus dominios, parte dos quaes elle nunca visitou e, portanto, não é conhecido dos seus habitantes.

Accumulando grandes riquezas, o sultão tem

preciosos thesouros onde conserva nada menos de uns seiscentos milhões em ouro.

Não lhe faltariam, pois, recursos para sustentar uma guerra, se o seu animo fosse propenso a luctas belicas e elle se importasse com alguns palmos de terra do seu vasto imperio.

O quanto elle se importa de menos com esses palmos de terra, é o quanto a Hespanha se importa agora de mais, para estar sacrificando vidas e dinheiro por terras de que afinal faz presídios para degradados.

Se não fóra a questão religiosa, que se levanta n'aquelle paiz de Mahomet, sempre que os christãos se avizinham ou estabelecem nos seus territorios, não haveria a resistencia que ha e em que o fanatismo é o principal instigador, pelo que a guerra se torna mais temivel n'aquelles povos resolvidos a sacrificarem se até á morte pelo seu Propheta.

A outra gravura que publicamos respeitante á guerra Hispano Marroquina, é a do Forte de Rostro Gordo, situado na parte norte dos campos de Melilla, e que tem desempenhado um papel importante nas emboscadas que se tem ferido.

A situação d'este forte, n'uma elevação de 124^m acima do nivel do mar, tem permittido illuminar com os seus apparatus electricos todo o campo de Melilla durante a noite, descobrindo assim as emboscadas que os rifinhos tem preparado para destruir os trabalhos de fortificação dos hespanhoes.

Este forte foi construido segundo o projecto e direcção de D. Elysió Souza sendo governador de Melilla o general Mireles.

O PALACIO REAL DA PENA

Por varias vezes temos publicado gravuras reproduzindo o palacio real da Pena, em Cintra, visto de diferentes lados.

Hoje publicamos uma nova gravura d'este bello monumento d'arte, que o representa visto do lado da Cruz Alta.

N'este palacio, cuja historia já está contada nas paginas do OCCIDENTE, tem passado, n'estes ultimos annos, o verão, Suas Magestades El-rei o Senhor D. Carlos e a Rainha a Senhora D. Amelia, que muito gostam d'esta esplendida vivenda, verdadeira habitação de principes.

CARLOS FRANCISCO GOUNOD

(Concluido do n.º 536.)

Emilio Augier, Gounod, Madama Viardot! parece que devia haver, aqui, n'uma tal associação, os elementos d'um ruidoso successo. E todavia, a *Sapho* foi acolhida com frieza, ainda que alguns artistas comprehendessem que existiam na obra do *debutante* verdadeiras promessas para o futuro.

Não foi Gounod, mais feliz com a *Freira sangui-naria*, cujo *libretto* não era dos melhores, sendo mesmo desagradavel. D'este duplo insuccesso se desforrou pelo favor com que lhe foi acolhido, no *Théâtre Lyrique*, o *Medico á força*, obra encantadora, um pouco archaica mas cheia de originalidade que dava a prova da suavidade e da variedade do seu talento.

Foi emfim atacar depois d'esta obra, aquella que lhe deu o estabelecimento da sua fama. Mas se o *Fausto*, de que eu quero fallar, estava destinado a procurar-lhe a gloria e a fortuna, era preciso que elle não fosse contestado logo ao principio; mas ao contrario, a lucta foi renhida entre a obra e o publico, entre a obra e a critica entre a obra e os proprios artistas.

E' que o *Fausto* trazia ao mundo uma linguagem d'uma novidade notavel, é que a palavra melodica adaptava-se á phrase poetica d'uma maneira tão intima, tão concretizada que se diriam soldadas conjunctamente, e que uma não podia ir sem a outra, é que alli onde o desenho, puramente melodico, pareceria fora de tempo e onde um outro compositor teria substituido por um simples recitativo, cuja parte massadora e secca estivessem em completo desaccordo com as situações como com os personagens, o artista tinha introduzido um processo, muitas vezes imitado, mas do qual se não conhece o auctor; quero dizer, uma phrase suave, doce, cadenciada, medida musicalmente mas com uma certa liberdade que tem todo o conjuncto da dicção da melodia e do recitativo que não é exactamente nem um nem outro mas que

reune todas as suas vantagens, sem offerecer algum dos seus inconvenientes. (Recordemos o primeiro dialogo de Fausto e de Margarida: *Não permittis, minha formosa donzella*. — E as palavras de Margarida na sua volta a casa: *Estimaria bastante saber quem é este mancebo*...) Isto é a propria natureza, natureza que musico algum tinha ainda entrevisto, pelo menos nenhum a tinha reproduzido musicalmente; então a surpresa causada foi grande, enorme.

Mas não é tudo, e esta novidade que Gounod introduzia na extractura da propria phrase musical, a propria contextura do dialogo scenico (outr'ora interessante no eterno recitativo medido de Wagner), eram completadas pelas novidades equivalentes na forma geral das partes, (o quarteto do jardim), na harmonia (a canção das gargalhadas), (a morte de Valentin), na instrumentação. A surpresa dos criticos egualou a do publico, n'uns e outros não sabendo que pensar ao principio, encontraram-se desconcertados um pouco. Sobre este caso, a leitura dos jornaes da epocha é fertil em descobertas imprevistas, e as opiniões emitidas não deixam prever o successo que, depois de longas hesitações, devia finalmente ligar-se a esta admiravel partitura do *Fausto*, successo que se prolonga já durante trinta annos e que está longe de se exgotar.

Scudo, que então reinava na *Revue des Deux Mondes*, onde não discutia, mas sim fazia oráculos, Scudo nada comprehendendo d'esta novidade da forma melodica a que me referi. Fallando da aria do *Fausto* *Conserve-te casta e pura*, disse elle: «O desenho da idéa é vago e oscilla incessantemente entre a melopeia e a melodia propriamente dita, é o defeito constante de M. Gounod. Tal é tambem o defeito que se pôde achar em tudo o que canta Margarida. Scudo não comprehendeu mais, todas as singulares bellezas contidas no maravilhoso quarteto, assim como o incomparavel dueto d'amor, em que não achou para louvar senão o accessorio, isto é, a harmonia e os acompanhamentos. Quanto ao quinto acto «nada achou para notar»!

No *Figaro*, M. Jouvin, não ficou menos embaraçado por este terceiro acto d'uma côr tão nova, d'uma forma tão original e d'um sentimento tão cheio de poesia, que ficará como uma das obras primas da musica scenica no decimo nono seculo: «Não foi sem hesitar que eu pude comprehendendo o terceiro acto. Reconheço, sem grande trabalho, que o compositor fez esforços prodigiosos para se manter á altura da poesia de Goethe. Estudando a sua musica detalhadamente e de perto, parece que o conseguiu. A canção do rei de Thule, é d'um tom suave e d'um singular encanto. A melodia pareceu-me um pouco vaga, indecisa, digamos mesmo mais *procurada* do que *achada*. . . Falta o sópro melodico, que é sensível, sobretudo, na aria que a donzella canta admirando as joias. *Este terceiro acto parece monocórdio e um pouco longo*. A unidade da côr está aqui se assim o quereis escriptulosamente observada, mas não é de qualidade que, *exagerando-se, se não torne um defeito*».

Vê-se o que foi a critica a proposito do *Fausto*. O publico não foi o que primeiramente viu melhor. Verdade é, que a primeira representação, não foi brilhante e conta-se que alguns amigos do compositor, acompanhando até sua casa, á saída do theatro, se esforçaram, pelo caminho, em o consolarem d'uma tal frieza. Julgue-se do seu estado de espirito logo que todos os jornaes fallaram; tambem, elle professava um certo desdem pelos conselheiros officiosos, e pelos distribuidores de feruladas. Isto se viu bem mais tarde n'uma serie de artigos seus: *Rotina em materia d'arte*.

Seja o que fór, o *Fausto* ergueu-se, e sabe-se a que ponto, logo ao primeiro cheque. Depois de ter percorrido triumphalmente a Europa inteira, de ser applaudido na Allemanha, na Belgica, na Hespanha, na Inglaterra, em Portugal e na Suecia, na Dinamarca e na Russia e até sobre a terra italiana por tanto tempo refractaria á musica franceza; o *Fausto* atravessou os mares e tornou popular o nome de Gounod em todos os pontos do universo.

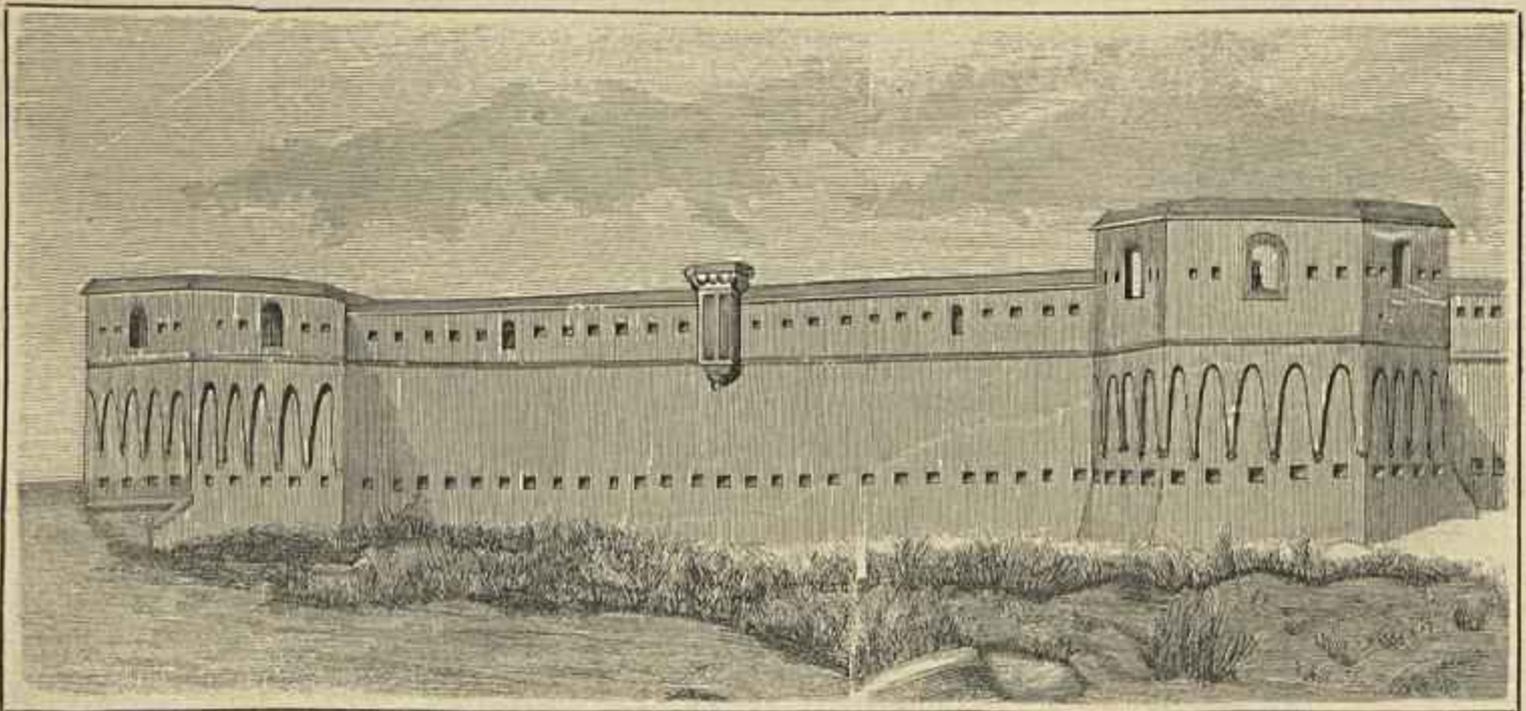
Ao fim de dez annos obteve, facto sem precedentes, a honra insigne de tomar logar no repertorio da Opera depois de ter sido creado n'um theatro secundario, e o numero de suas representações em Paris, eleva-se hoje a cerca de um milhar.

Gounod tirou a sua desforra dos dias amargos, e mais feliz que muitos outros, por mais tempo que Bizet, por exemplo, elle pôde gozar d'um longo triumpho.

A GUERRA HISPANO-MARROQUINA



O SULTÃO DE MARROCOS MULEY HAMED



MELILLA — O FORTE DE RASTRO GORDO

Este artigo não é, todavia, nem uma biographia, nem um catalogo. Limitei-me a caracterisar, tanto quanto cabia em mim, o genio do auctor do *Fausto* fazendo sabresahir as suas raras faculdades, determinando o papel que teve no movimento musical contemporaneo, em pôr em relevo as suas qualidades de innovador e d'iniciador. A musica

Gounod, como todos os grandes artistas francezes, vivia bem, rodeado de todas as commodidades e mesmo fausto.

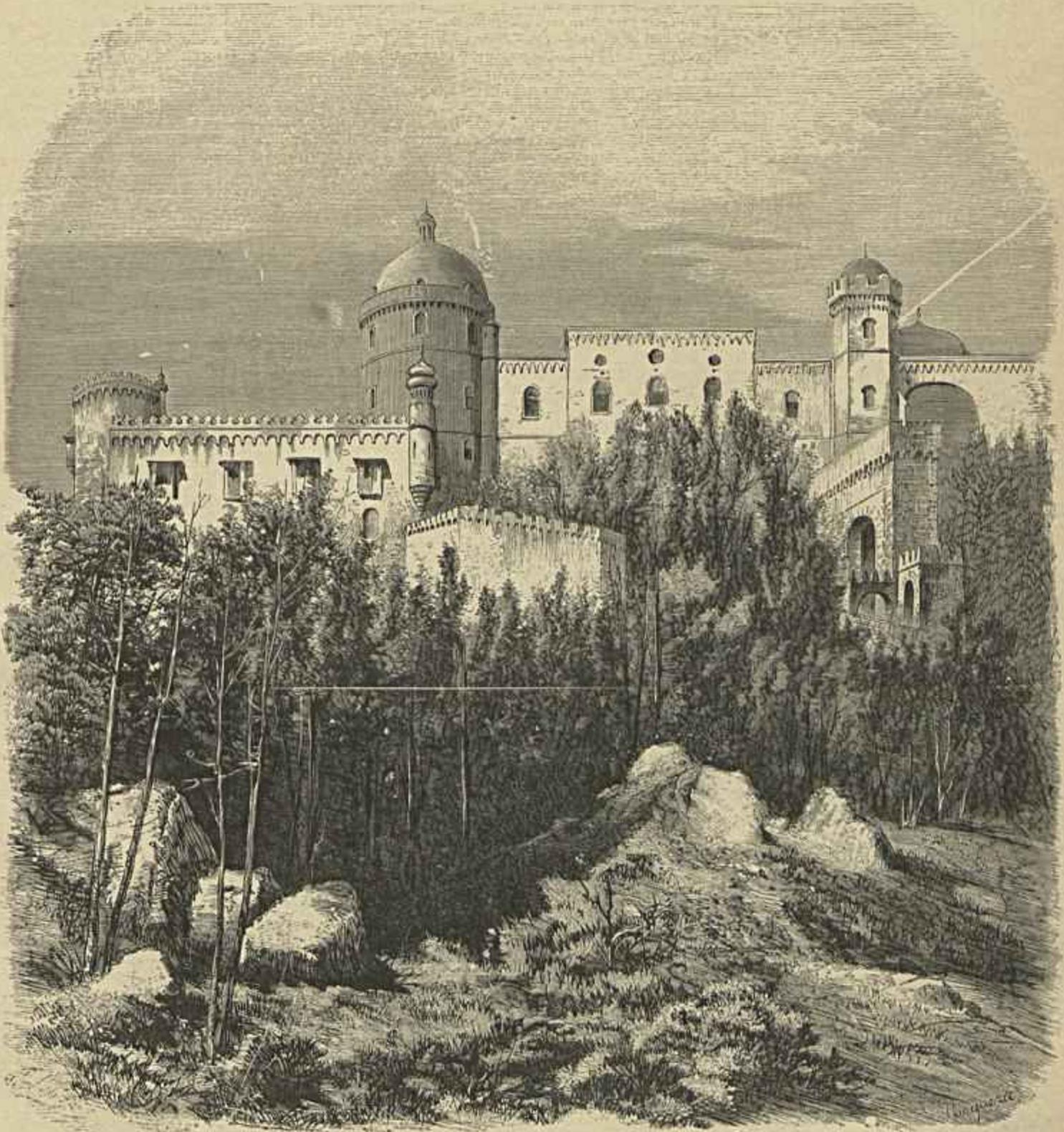
A sua casa, na praça de Malesherbes, era sumptuosa e continha muitas preciosidades artisticas. Possuia um magnifico orgão, construido pelo afa-

Um relatório inglez sobre a India Portuguesa

111

(Continuado do n.º 585)

Na secção immediata occupa se o sr. Danvers em primeiro lugar da historia do famoso portuguez Salvador Ribeiro de Sousa, que reinou em



O PALACIO REAL DA PENA, VISTO DA CRUZ ALTA

(Desenho do sr. Rodrigues)

franceza deve muito a Gounod, que bastante se tem imitado; como melodista, harmonista, symphonista, elle renovou as formas e os processos, trouxe para a arte uma nota essencialmente pessoal, que foi *elle*, que não imitou pessoa alguma.

Se não teve sempre a força e o poder teve a graça, a ternura, a paixão e no ponto de vista da forma propriamente dita, um estylo d'uma rara belleza e d'uma suprema elegancia, que ninguem saberia exceder.

Em uma palavra, foi o verdadeiro genio musical francez d'este tempo e o maior artista que temos conhecido ha meio seculo.

mado *Cavaillé Coll*, e um piano fabricado por Erard, expressamente para Gounod e que parecia á primeira vista uma simples mesa. Era n'este piano que elle estudava e compunha as suas musicas.

A sua casa, em Saint Clond, é, como se vê da gravura que publicamos a pag. 264 um formoso chalet, para onde Gounod ia viver, no verão.

Foi n'esta casa que Gounod morreu, na manhã de 18 de Outubro, rodeado da sua familia, que o estremecia.

Arthur Pougin.

parte da actual Birmania, então chamada reino do Pegú, e que, apenas pôde fazel o, entregou com rara abnegação o seu reino e a sua corôa aos Portuguezes, voltando de rei oriental á sua modesta posição de simples official portuguez. A cidade de Sirião, onde se erguia o forte portuguez, onde Salvador Ribeiro de Sousa heroicamente se defendeu contra o rei de Arakan, valendo-lhe essa defeza o ser proclamado rei de Pegú, fica no actual districto birman de Rangoon, e chama-se realmente Than-Lyeng.

Foi em outubro de 1611 que começaram os conflictos entre Portuguezes e Inglezes na propria

India. Seis navios ingleses commandados por sr. Henry Middleton fundaram em Surate, procurando os Portuguezes sem o conseguirem impedir os de negociar. Renovou-se o conflicto ainda em Surate em janeiro de 1612 entre navios portuguezes e os ingleses *Dragon* e *Ozeander*, não conseguindo ainda os nossos obrigar os Ingleses a afastarem-se. Em 1615 novo conflicto entre uma esquadra portugueza e outra inglesa de Nicolau Downton. Faltam-nos narrativas portuguezas d'estas batalhas, mas as narrativas inglesas citadas pelo sr. Danvers são honrosas para nós. Na descrição inglesa da ultima batalha, lê-se: «No dia 20 o *Merchant's Hope* avançou contra o inimigo, seguido logo depois pelos outros tres navios (*New Year's Gift*, *Hector* e *Solomon*). Os navios portuguezes e as fragatas, sustentadas pelos galeões, que contudo, não se podiam approximar muito por causa da falta de agua, apinharam-se em torno do *Merchant's Hope*, e deram-lhe abordagem com grande resolução.» Até ao fim mostraram essa intrepidez, porque, não podendo approximar-se com os galeões, abandonaram os outros navios, que eram apenas tres, deitando-lhes fogo, para ver se conseguiam queimar tambem o *Merchant's Hope*. Ainda assim a batalha ficou indecisa, porque o narrador inglez conta que o canhoneio entre os navios ingleses e os galeões portuguezes durou até à noite.

A esta narrativa accrescenta um capitão inglez, Elkington, nas suas cartas, algumas particularidades para nós honrosissimas. «*They state*, diz o sr. Danvers, *that when the Portuguese boarded the Merchant's Hope they twice nearly succe in taking her.*» «Afirmam que, quando os Portuguezes abordaram o *Merchant's Hope*, por duas vezes estiveram quasi conseguindo tomal-o.»

Era uma grande raça a que assim estrebuchava tão heroicamente n'uma lucta desigualissima. A Hespanha, que attrahira sobre nós a hostilidade da Inglaterra e da Hollanda, paizes com os quaes, antes de cairmos nas garras da Hespanha, estavamos em paz, não nos auxiliava em nada n'estas luctas homericas. Por um lado assaltavam nos os Ingleses, pelo outro os Hollandezes, que muitas vezes se colligavam. Uma frota anglo-hollandesa, composta de tres navios ingleses e de quatro hollandezes, esteve bloqueando Goa. O Grão-Mogol, sobre quem alguma influencia conseguimos ter por intermedio dos missionarios, não tardou tambem a mostrar-se hostil, e foi aos seus ataques que teve de succumbir Hoogly, um estabelecimento que tinhamos fundado na costa de Bengala, e onde morreram mil Portuguezes, ficando escravas dos Mogoos cerca de quatro mil pessoas entre homens, mulheres e crianças. A defeza contudo fôra brilhante. A guarnição constava apenas de 200 soldados, defendera-se desde 21 de junho de 1633 até 29 de setembro do mesmo anno. Quando succumbiu, sendo toda a população que escapara á morte levada para Agra, alguns Portuguezes conseguiram escapar-se, e por tal forma se fortificaram n'uma ilha fronteira que o Grão-Mogol preferiu deixal-os em paz. Dez annos depois em 1643 mandou o vice-rei uma expedição para os trazer para Goa.

Os Ingleses contudo não foram n'esse primeiro momento os nossos mais terriveis inimigos. Não tentavam se não rivalisar connosco em commercio, e nem por sombras assenhorear-se de fortalezas indianas. Depois da paz de 1630, os vice reis portuguezes e o representante da companhia inglesa das Indias sr. William Methwold viveram em optimas relações, posto que os Portuguezes não podessem levar a paciencia a concorrência que os Ingleses lhe faziam no commercio.

Os Hollandezes porém e que eram mais terriveis. A sua guerra era sem treguas, e esforçavam-se em toda a parte por nos embaraçar e molestar. Os seus navios perseguiram os nossos, e bloqueavam nos os portos. Na China, na Indo-China, no Japão, e em Ceylão, nas Molucas, em toda a parte fundavam feitorias, e nos creavam obstaculos. Levantavam contra nós regulos indigenas, e teriam acabado de todo com o nosso poder, se não se tivessem tornado tão odiosos a esses regulos, que muitas vezes foram expulsos sem a nossa intervenção. Foi esse ainda o nosso grande recurso, e que de muito nos valeu. É certo que os regulos indianos aproveitavam a situação, em que nos viam, para tentarem recuperar as suas terras e expulsar-nos das nossas fortalezas, mas entre nós e esses homens do Norte, a preferencia que lhes mereciamos era tão sensível que a acção dos nossos inimigos com isso muito enfraquecia.

Pois é um espectáculo curioso o que offerece a India na primeira metade do seculo xvii. Portugal, escravizado pela Hespanha, debate se n'uma agonia terrivel. Primeiro, as suas esquadras têm de se bater com os navios ingleses e com os navios

hollandezes, e se a inferioridade de numero e de recursos não lhes consente ganharem victorias, é certo que tão intrepidamente se portam, que nas suas proprias narrativas os vencedores lhes exaltam o procedimento. Os Ingleses sempre chegam a concluir a paz connosco, mas nem por isso deixam de trabalhar para nos arruinar o commercio e a preponderancia, os Hollandezes porém tão avidos estão que nem deixam de nos perseguir, quando nós, libertados da Hespanha e em lucta com ella, passáramos a ser aliados da Hollanda. E assim tinhamos de luctar na Europa com o colosso da Hespanha, na India com os Hollandezes e muitas vezes com os indigenas, na America com os Hollandezes senhores de uma parte do Brazil. E resistimos no Brazil, e na Europa triumphámos, e, se na Asia succumbimos, não foi tão completamente que não nos restem ainda hoje reliquias dos nossos antigos dominios, nem era possível que, por muito fortes que fossemos, resistissemos ao engrossamento successivo das forças que tinham de nos esmagar, a companhia inglesa, a companhia hollandesa, e o poderio do Grão-Mogol.

IV

Na segunda metade do seculo xvii das grandes conquistas de Albuquerque só conservavamos Goa, Malaca fôra nos tomada pelos Hollandezes em 1641, Ormuz pelos Persas auxiliados pelos Ingleses em 1633; quasi todas as fortalezas que possuíamos em Ceylão tinham caído tambem nas mãos dos Hollandezes. A nossa situação era de veras critica. O sr. Danvers encontrou nos documentos portuguezes, e muito especialmente na correspondencia do vice-rei conde da Vidigueira, prova de que atravessavamos tambem no Oriente uma crise financeira, e que precisavamos de recorrer aos impostos mais ruinosos para pagarmos as despesas mais essenciaes.

O sr. Danvers refere-se largamente ao famoso tratado feito com a Inglaterra por occasião do casamento da princeza portugueza D. Catharina com Carlos II rei da Grã-Bretanha, e pela qual lhe cedemos Bombaim. É moda censurar muito os nossos ante passados por terem feito semelhante concessão, mas o que não dizem os criticos é como é que o governo portuguez havia de sustentar o que nos restava na Asia, se, a par da inimidade dos Hollandezes e dos Mogoos tambem tivéssemos a dos Ingleses. A verdade é que em Lisboa não se ligava a Bombaim a importancia que ella merecia, e que era muito conhecida na Asia, mas ainda que se reconhecesse a sua importancia, percebe-se perfeitamente que em 1666 o governo portuguez já não pensava na India senão para conservar ali o que podesse como trophéu das suas antigas glorias. O que o interessava era o Brazil, que acabavamos de arrancar aos Hollandezes e que tinha um prospero futuro deante de si; mas os que criticam, esses em theoriam dispõem de thesouros, de soldados, de colonos de que infelizmente na realidade Portugal não podia dispôr. Antonio de Mello e Castro, como governador da India, fazia muito bem em procurar conservar Bombaim até contra as ordens do rei, e em dizer que, cedendo Bombaim, cediamos o que podiamos ter de melhor na India, e mais acertado fôra por exemplo que se cedesse o que ainda nos restava em Ceylão, e que já estava condemnado a irremediavel perda; mas, em primeiro lugar, os nossos governadores da India só reconheciam a importancia de Bombaim quando tinham que a largar, vicio portuguez que, como se vê, é antigo: em segundo lugar Antonio de Mello e Castro só tinha que pensar na India, enquanto o governo portuguez tinha que pensar em salvar a independencia de Portugal, mais em perigo depois das victorias de Ameixial e de Montes Claros, que não se ganharam sem sacrificios enormes que não podiamos continuar por muito tempo, e em manter e explorar o Brazil, que prometta bem mais abundantes e mais solidas riquezas do que a India decadente. Em presença de tudo isto percebe-se bem que nas preoccupações do governo portuguez occupasse um lugar bem pouco importante a cedencia de Bombaim, que nunca nos servira para nada, n'essa India, onde nos estavam arrancando todos os dias as praças que nos tinham servido para muito.

Efectivamente, o rei de Kanará tomava nos Mangalor, Barcelor e Onor, os Hollandezes tomavam nos Cochim e outras praças ao sul de Goa, e a ultima praça que possuíamos em Ceylão, Colombo, que foi, ao menos, heroicamente defendida. A India estava sendo para nós insustentavel. Hollandezes, Ingleses, Francezes, se arrojavam a esse paiz riquissimo, sobre o qual os Mogoos estendiam tambem a sua garra dominadora. O que podiamos nós fazer senão o que fizemos, quer di-

zer, manter com honra o pouco que nos restava?

O resto da narrativa do sr. Danvers, narrativa que se fecha em 1798, não encerra senão a historia das guerras de Portugal com os piratas como Angriá, e com os Mahrattas cujo poder se levantou sobre as ruinas do imperio do Grão Mogol, sendo bem honrosas para Portugal as campanhas sustentadas contra essa raça bellicosa, tão differente dos outros Indios, e que contudo muitas vezes batemos. Em todo o caso era quasi impossivel resistir absolutamente a esses formidaveis Mahrattas que tanto deram tambem que fazer aos Ingleses, e foi então que perdemos as duas praças de Baçaim e de Chaul. Algumas pequenas conquistas em torno de Goa compensaram *tant bien que mal* essas perdas, e a India portugueza passou do seculo xviii para o xix reduzida ao territorio que ainda hoje possuímos, e por cuja prosperidade temos feito ultimamente bem pezosos sacrificios de que é possível em todo o caso que tiremos o cubiceado resultado.

(Continua.)

Pinheiro Chagas.

LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Continuado do numero antecedente)

São os LUSIADAS digno epilogo d'estas inclytas façanhas

Eis aqui quasi eume da cabeça
Da Europa toda o reino lusitano,

diz o poeta. Se, aproveitando a sua ideia, personificarmos a Europa como o paladino de todo o progresso, dando-lhe forma corporea, podemos imaginar a douta Allemanha como o seu peito robusto, a fogosa França como o seu coração, a Italia o braço direito e a Suecia o esquerdo, sendo a Hespanha a cabeça e Portugal o diadema que a cinge. Por isso foi d'estas duas ultimas nações, foi da nossa peninsula que partiu o poderoso impulso de descobertas, que iniciaram e alargaram e desenvolveram nos seus multiplicados incrementos a historia moderna.

Meu amigo, a navegação foi sempre a decima musa que basejou os grandes ingenhos, sendo a sua impressão mais duradoura e a sua popularidade mais firme e arraigada. Ha poetas primorosos que hão de ser perpetuos modelos na litteratura, fonte perenne de bom gosto e espelho para todos os vindouros; mas os cantores do mar calam mais intimamente na consciencia do povo, e a sua lição infiltra-se com tenacidade por entre as camadas sociaes. Pindaro e Theocrito na litteratura grega, Horacio e Ovidio na latina, o Ferreira, o Filinto, o Garção na portugueza amam-se e estudam-se no gabinete, mas raro ultrapassam este recinto; só Homero e Virgilio e Camões, que cantaram a navegação, se amoldaram a todas as indoles, e a todas as classes e edades. Decoram-se os seus versos, que pasam tradicionaes, através do tempo e do espaço, perpetuando na memoria das gerações a mais famosa das conquistas humanas.

O poeta nos campos, ouvindo o ramalhar do arvoredo ou o murmurio dos artoios, inspira-se em idyllios, doces canções afinadas pela brandura e amenidade da vida campestre. Nos montes, e nos seus cumes mais proximo de Deus, cantamos um hymno repassado de unção religiosa. Internando-se nas cidades e nos centros da civilisação social, descreve-nos em regrados epodos as maravilhas das artes. Mas pairando nas aguas, equilibrado entre dois abyssos, um sob os pés e outro sobre a cabeça, entoa-nos uma epopeia, sublime como os ceus e profunda como os mares. Nem os prados com a opulencia da sua vegetação, nem o firmamento com myriades de estrellas, nem as metropoles com os portentos da industria, arrancam do homem grito mais energico do que o revolto Oceano.

Não posso, nem o aperto de tempo permite que lhe escreva acerca dos LUSIADAS, a nossa canção meritima, primor da nossa litteratura, gloria da nossa nacionalidade, e com certeza nossa epitaphio quando já não existirmos como sociedade politica. Dir-lhe-hei contudo algumas palavras do episodio de *Ignez de Castro*, inserto no canto III, e assumpto principal d'esta minha carta.

Na famosa narração de Vasco da Gama, feita ao

rei do Melinde, introduz o poeta este episodio tão delicadamente, que ali não podia ser melhor. José Agostinho na sua verina contra o poema tenta em vão deprimir este excellentre trecho. Ainda que se curva insofrido perante o seu merito peregrino, dizendo que é «um dos mais firmes e seguros sustentáculos da fama e grandeza das sublimes LUSTADAS,» que «será sempre bom e admirado,» acha-o inverosimil e pelos dictames da boa razão muito fóra do seu lugar. «Repentinamente e sem preparação ou transição alguma, diz elle, interrompe o *principe dos poetas* a sua larga historia... volta-se sem saber para onde e começa por duas apostrophes, uma ao amor, outra á mesma D. Ignez...»

Suppondo ainda falta de ligação, nada havia que censurar no poema. Chegando ao caso triste de Ignez, o Gama, comovido por esta morte, uma das lenuas mais patheticas da historia nacional, modelava a expressão pelo seu sentimento, e podia prescindir de transição. E Macedo era bastante instruido para saber que as transições inopinadas em taes conjecturas são familiares nas epopeias antigas. Dil-o Longino; mas não só o diz, exemplifica-o.

Comtudo é bem de ver que o Zoilo do nosso Homero, desatinado pela sua apaixonada preocupação, se atravessa com a propria espada. As duas apostrophes realmente são já por si um laço que liga o episodio á narração, formando até um formoso contraste na vida do rei D. Affonso a victoria do Salado com a morte de D. Ignez de Castro, que logo se lhe segue. Não destoam um do outro na exposição os dois factos; a mesma alevantada poesia, gosto identico e devida proporção os caracterizam. E mais que tudo respiram ambos uma reciprocidade intima, que não só se conhece intuitivamente, mas se manifesta espontanea. Veja-se, por exemplo, como a infeliz Castro, alludindo á gloria militar do velho monarcha, anteriormente decantada exclama:

E se, vencendo a mauro resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro...

E antes d'isso o poeta dissera:

Que furor consentia que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada

Note-se igualmente que o character do rei se mantém nos dois trechos sempre inteiro e uniforme. Irascivel e bravo, e attendendo sempre ao bem do Estado, não se torna alheio ás ternas emoções. Aqui accede á filha, que lhe entra pelos paternaes paços, supplicando-lhe

Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados,

que accuda e corra ao marido; depois ás tristes e piedosas vozes de Ignez, já movido a piedade...

Queris perdoar-lhe o rei benigno...

Porém a estancia que antecede as duas apostrophes é que forma a passagem expressa, a transição perfeita e naturalissima do episodio. Dil-o ingenuamente o proprio critico. «Chegámos em fim ao grande episodio.

..... da misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.»

El-o pois que cita a mesmissima copula que ata os dois factos, digamos até os dois episodios da batalha do Salado e do assassinato de Ignez. A integra da strophe é bem conhecida:

Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que depois de ser morta foi rainha.

(Continúa.)

A. A. da Fonseca. Pinto.

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do n.º 537)

Para o sr. Fontes conseguir que se fizesse este modelo, luctou com grandes embaraços e para provar vamos mostrar a historia completa do offerecimento d'este submarino.

A 8 de fevereiro de 1890 foi o sr. Fontes solicitar licença ao nosso governo para lhe offerecer os planos do seu barco. Era ministro da marinha o sr. João Arroyo, que, por julgar inoportuna a occasião não accitou a offerta.

A 28 de julho do mesmo anno foi o auctor novamente pedir licença para serem os planos e projectos offerecidos ao governo, em requerimento dirigido a Sua Magestade. Era ministro o sr. Conselheiro Julio de Vilhena.

A este requerimento respondeu a Direcção Geral de Marinha pela seguinte fórma:

Para poder ser tomada em consideração a proposta feita pelo 1.º tenente João Augusto de Fontes Pereira de Mello se torna necessario que este official apresente os planos e a memoria descriptiva da obra que se propõe construir a fim de serem devidamente examinados. (officio n.º 539 de 8 d'agosto de 1890.)

A 10 de dezembro foi nomeada uma commissão encarregada de apreciar e emitir parecer acerca do projecto do submarino.

Compunha-se dos officiaes já citados. Era então ministro o sr. conselheiro Antonio Ennes.

A 18 de dezembro reuniu a commissão pela primeira vez, sendo-lhe entregues uma memoria descriptiva e os planos explicativos.

A 27 de janeiro de 1891 concluiu a commissão os seus trabalhos.

A 2 d'abril o sr. Fontes como não tivesse recebido resposta alguma ao seu requerimento de 28 de julho de 1890 fez este outro:

SENHOR:

João Augusto Fontes Pereira de Mello, primeiro tenente da armada, não tendo recebido resposta ao requerimento de 28 de julho de 1890, embora tenha cumprido com o que lhe impoz o officio n.º 539 de 8 de agosto de 1890, da Direcção Geral da Marinha, e embora se tenha já reunido e mesmo deliberado a commissão constituída pela portaria de 10 de dezembro de 1890, que já entregou o seu relatório; desejando obter uma copia d'este documento, no qual se informa sobre o seu projectado torpedeiro submarino:

Pede a Vossa Magestade
baja por bem ordenar que
pelo Ministerio da Marinha
lhe seja dada uma copia do
referido relatório.

Lisboa 2 de abril de 1891.

(a) João Augusto Fontes Pereira de Mello.

A 20 de abril de 1891 recebia o sr. Fontes da 2.ª repartição da Direcção Geral da Marinha uma copia do relatório da commissão encarregada de dar parecer sobre o valor do seu invento.

O relatório tinha a data de 27 de janeiro de 1891.

Vamos publical-o na integra com excepção dos trechos que revelam ou descobrem os segredos do invento; porém antes de o fazer damos lugar á introdução á memoria descriptiva que o auctor apresentou á commissão.

ORIGEM E FINS DO SUBMARINO

Origem—O estudo das condições hydrographicas da barra de Lisboa tem revelado para a sua defeza marítima alguns obstaculos graves, e ao que parece insuperaveis.

Limitando-me á esphera de acção da marinha de guerra, direi que navios de appropriada espessura de couraça, pairando ao sul da torre do Bugio, e a cinco ou seis mil metros d'esta poderião impunemente sustentar um bombardeamento contra a cidade inutilizando completamente o fogo das nossas baterias da barra, por mais poderosa que seja a sua artilheria.

Por dois unicos meios se poderia fazer frente ao adversario n'estas condições, por uma esquadra de combate que lhe podesse dar batalha, obrigando-o a fazer-se ao mar, ou por meio de torpedos, obrigando-o a guardar respeitosa distancia.

Couraçados temos apenas um, e de classe inferior; torpedeiros de alto mar não temos nenhum; e os torpedos fundeados, que parecia poderem ser empregados com summa vantagem, são completamente inefficazes, attendendo ás impetuosas e irregulares correntes de agua que se cruzam no Tejo e sua barra, que desviam o torpedeo do seu logar.

Para remover este obstaculo lembrei-me substituir tanto quanto possivel o torpedeo por uma estação que no mesmo logar, livremente e em todas as direcções o podesse lançar.

Cumpria, porém, que essa estação vencesse ou inutilizasse a força e a inconstancia das correntes, para o que precisava ser movel e ter força propria. Mais carecia de constante estabilidade para equilibrio dosapparelhos e pessoas que contivesse, e para certeza da propria pontaria. Ainda convinha que fosse invisivel para desorientar completamente o inimigo e salvaguardar a existencia da guarnição e do proprio barco.

Por fim precisava dominar o horisonte para ver os movimentos do adversario e ao mesmo passo atacar ou retirar scientemente em todas as direcções.

Só a bateria submarina movel ou fixa á vontade, e dominando o horisonte, me satisfaz todos estes requisitos, como o deixavam antolhar os Goubet, Nordenfeldt, Wadington, Peace-Maker, Gymnote e Peral, todos diferentes, mas cada vez mais perfectos, embora incompletos.

Era, pois, um submarino o que satisfazia. Mas a construcção d'estes barcos, ainda os de planos estampados nas revistas, tem segredos que lhe tornam a imitação perigosa, senão impossivel.

Porfiar na construcção d'um barco de modelo novo, tanto quanto possivel original portuguez, mas, sobretudo, util e barato, foi o meu intento.

A 15 de novembro de 1889 ao cabo de aturados estudos, pareceu-me que tinha realisado as minhas esperanças, e dei o meu trabalho por concluido.

Experiencias posteriores, feitas com pequenos modelos, convenceram-me de que tinha acertado. Os defeitos ultimamente notados no Peral arreiraram-me na convicção de que o meu barco podia vantajosamente servir.

Fins do Submarino.—O meu barco não visa comtudo, nem poderia visar, a resolver o complicadissimo problema da navegação submarina. Pretendi apenas com elle utilizar a liberdade de movimentos que elle pode attingir dentro d'agua na defeza militar dos nossos portos marítimos e fluviaes.

Para simplicidade de exposição, referir-me hei aos typos de submarinos mais ou menos conhecidos.

Como todos elles, mas por differente processo, mergulha e fluctua á vontade e com segurança; como o Goubet, o Nordenfeldt e o Peace-Maker, navega livremente á superficie e tambem debaixo d'agua; como o Goubet e Wadington é movido pela electricidade; renova o ar respiravel como o Peace-Maker, o Goubet, e o Peral; ao contrario de todos elles, dispensa grandes velocidades por que manobra perfectamente com pequena força; domina o horisonte, como não fez nenhum d'elles; não precisa como o Goubet ou como o Peace-Maker de aproximar-se, de atracar ao inimigo, para lhe prender o torpedeo; e menos carece ainda de vir ao lume d'agua como o Nordenfeldt ou o Peral para fazer a pontaria; é invisivel, completamente livre de movimentos, de simples construcção e barato.

Realiza, como espero, as condições de um poderoso elemento de defeza perigosissimo para o adversario e seguro para quem d'elle se servir.

- 1.º porque se pode adaptar a todas as profundidades, servindo para todos os portos e rios;
- 2.º porque mergulhando á vontade, se torna invisivel, pois que ataca sem vir á superficie;
- 3.º porque o conhecimento da sua presença e da sua invisibilidade obrigam o inimigo a guardar respeitosa distancia;
- 4.º porque ainda ahí o submarino o pode atacar;
- 5.º porque é aggressivo sem se aproximar do adversario;
- 6.º porque o facto de dominar o horisonte e ter constante estabilidade lhe garantem a certeza do tiro;
- 7.º porque procede como verdadeira estação torpedeira, visto poder estar fundeado debaixo d'agua;
- 8.º porque tem campos de tiro em todas as direcções, visto usar torpedos dirigiveis e ter movimentos proprios;
- 9.º porque a sua invisibilidade quando mergulhado lhe garante segura retirada;
- 10.º porque as condições de existencia dentro do barco tambem garantem á tripulação as mes-

1 Censura das Lustadas por José Agostinho de Macedo. Lisboa, 1820 2. vol.

mas seguranças de vida do que estas facilidades do ataque e da defeza.

Resumindo: estação torpedeira fixa ou movel á vontade, para defeza dos portos e rios.

Eis porque me atrevi a pensar que tinha realiado o meu intento.

Em 5 de fevereiro do corrente anno de 1890 fui apresentar o meu trabalho ao governo de sua magestade, a quem o offereci por meio de um memorial. O governo não aceitou o meu humilde offerecimento porque não achou a occasião oportuna.

Em 28 de julho proximo passado fui novamente offerecer o ao governo, mas por meio de um requerimento dirigido a sua magestade, e a resposta do governo está agora dependente da opinião que d'elle fizer a commissão encarregada de o examinar.

Convicto como estou da utilidade pratica d'este meu humilde trabalho, só peço rigor e severidade no exame de todo o systema, notando-se os defeitos e lacunas, corrigindo-se-lhe aquellas e preenchendo-se estas. Poderosamente auxiliado por tão valiosos censores, darei as minhas diligencias por meritorias e o meu trabalho por não perdido.

(Continua.) *Grumete.*



REVISTA POLITICA

Nos ultimos dias appareceu no *Diario do Governo* o decreto sobre a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, organisando um corpo administrativo dos negocios da companhia, em que entram delegados do governo, dos accionistas e dos obrigacionistas, para que todos os credores da mesma companhia tenham ingerencia na administração.

O modo por que o governo resolveu esta intrincada questão e procurou garantir os creditos de todos os credores, incluindo o Estado, que é o principal, tem sido em geral bem accete, e só os politicos é que questionam sobre a nomeação d'outros politicos para o conselho de administração, cremos que pela simples razão de não terem sido elles os nomeados.

São todos de uma insenção e despreendimento estes politicos, que ainda esperamos de os ver jogar a facada por um reles logar de amannuce, n'estes tempos bicudos a que se vai chegando.

Em verdade nós só conhecemos uma coisa mais nauseabunda que a politica portugueza: é o processo Urbano de Freitas, que ha tres annos occupa diariamente os noticiarios dos jornaes, e consome resmas de papel sellado.

E assim tambem a imprensa politica está massando ha um mez a esta parte com a dissolução provavel do parlamento reeditando todos os dias o que disse na vespera sobre se ha dissolução ou não ha dissolução.

Cremos bem que este negocio a quem mais pode interessar é aos galopins, porque o paiz ha muito tempo que se não importa com isso.

Os politicos tem rasgado e concertado a Carta quantas vezes tem querido, e o povo não se importa saber de tal, e se por um lado condemnamos essa indifferença que tem levado o paiz a este estado, não se pode deixar de reconhecer razão no povo em não querer saber d'essas coisas, depois de tantas desillusões porque tem passado com os homens politicos d'este paiz.

Agora parece querer voltar-se abertamente aos governos partidarios, antes que desorem completamente este resto de fibras politicas.

Mas isso era muito bom se os partidos politicos no nosso paiz, fossem de principios, tivessem idéas definidas, em vez de serem simplesmente

de homens cujas unicas idéas definidas que se lhes conhecem são as dos arranjos, ou de barriga e nada mais.

Todos os entusiasmos politicos, todas as luctas partidarias, todas as aspirações ao poder, não são movidas pelo amor da justiça, pelos progressos da nação, pelo engrandecimento da patria.

Usam-se estes palavrões para combate ou defeza no parlamento e na imprensa, ou nos comícios, mas na pratica observa-se exactamente o contrario e tudo consiste em arranjar a vida embora se atropelle a justiça, embora se comprometta a nação.

E' para isto que ha partidos politicos em Portugal, é para isto que se fazem eleições, é para isto que se reúnem as côrtes e caem e sobem



CASA ONDE FALLECEU GOUNOD, EM SAINT CLOUD

(Copia de uma photographia)

governos ao poder, n'uma contradansa em que os pares são sempre os mesmos.

Agora são os progressistas que sensuram os regeneradores, por que querem dissolver a camara, amanhã serão os regeneradores que sensurarão os progressistas pelo mesmo motivo.

Sem nos mover a mais livre paixão politica, e antes encarando de um modo demasiado philosophico a politica do nosso paiz, entendemos que o governo tem toda a razão em pedir ao Rei a dissolução do parlamento, depois da fleugma que essa dissolução levantou na imprensa progressista.

Era preciso suppôr uma grande ingenuidade no governo para não conhecer a ratoeira que lhe está armando o partido progressista com as suas promessas de benevola attitude, e compreendendo-se que um governo não pôde estar á mercê da benevola attitude dos partidos, para governar.

No ponto a que as coisas chegaram a dissolução da camara é fatal, quer seja para ficar o actual governo, quer para vir o progressista.

E assim é o caso de dizer, morrer por morrer, morra meu pae que é mais velho.

El-rei tantas razões tem para conceder a dissolução do parlamento ao actual governo, como ao governo progressista que vier, que da mesma forma não tem maioria no parlamento, e n'estes casos antes conceder a dissolução ao governo que está constituído, do que a um que ainda se hade constituir e para o qual não ha indicação constitucional no parlamento, visto as facções em que este está dividido.

Os progressistas dizem que não querem o poder, mas por detraz da cortina andam mettendo empenhos para que o seu chefe forme governo.

Tudo isto se sabe e, portanto, não sabemos para que servem as jermiadas das folhas progressistas porque lá se dá mais um rasgão na carta, que afinal todos tem rasgado a ponto de não sabermos se ainda resta algum bocadinho inteiro.

Pois tenham paciencia por esta vez, porque a dissolução é fatal, e as suas lamentações ainda mais confirmam a necessidade d'ella.

E' preparar a galopinagem e mãos á obra.

E a nação que vá soffrendo as consequencias de mais umas eleições porque os politicos assim o querem e mandam

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca Publica de Nova Gôa. Relatório do anno economico de 1892 a 1893 pelo bibliothecario J. A. Ismael Gracias.

Nova Gôa Imprensa Nacional 1893.

Per gentil fineza do illustrado relator, recebemos este folheto, assazmente apreciavel.

Lendo com notavel interesse o relatório, agradou-nos muito especialmente o capitulo *Livros Comprados*, no qual o digno bibliothecario se explana nas considerações que o levaram á compra dos diversos livros annunciados. Vemos ali, mui bem feita uma pequena revista sobre a litteratura europeia sobre a India.

Na correlação e associação de idéas que se dá no decorrer do escripto, diz o sr. Ismael Gracias, que ha um livro de H. M. Stephens, que é uma pequena mas bem elaborada biographia de Afonso de Albuquerque e á semelhança da sua *Historia de Portugal* bem merecia ser traduzida.

E' com o maior jubilo que hoje dizemos, que se o trabalho de Stephens não foi traduzido, foi pelo menos proficientemente apreciado nos nossos numeros 528, 529 e 531 pelo ex.^{ma} sr. Conselheiro Pinheiro Chagas.

Dos diversos periodos que se seguem tambem se evidencia o quanto de patriotico existe no espirito e no trabalho do ex.^{ma} Ismael Gracias.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já sahio a publico e está á venda em todas as livrarias este annuario illustrado.

A capa é um formosissimo chromo allusivo ás touradas, em que se vê a Praça do Campo Pequeno. Preço 200 réis; pelo correio 220; pedidos á

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho Modesto & C.^{os}, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 e 30